

pois o lirismo é próprio do homem, qualquer que seja o quadrante em que se ache.

Não queremos, todavia, limitar esta apreciação da obra aqui referida ao seu simples aspecto artístico. Queremos avançar, ressaltando a personalidade de seu autor, rica em qualidades humanas e toda presente nas páginas da obra. Podemos, sem medo de erro, dizer que João Jacques é daqueles que passam a vida fazendo o bem — PER TRANSIT BENE-FACIENDO —, não existindo mesmo, ao que sabemos, ninguém que haja sido ferido, dolosamente, por ele. E por isso também honra lhe seja! Por sinal que essa separação por nós aqui tentada, entre a obra e o autor, parece afinal impossível. O estilo é o homem — diz-se há muito tempo. Seria impossível emitir a bela mensagem de bondade e espírito cristão que João Jacques nos transmite em sua obra toda, inclusive nesta última que estamos a comentar, sem que sua alma se ache dela impregnada. E o que observamos em *A Canção do Tempo*. Inclusive em *O Pão e a mulher do jardineiro*, onde é sutilmente lembrada a verdade escatológica que o agitado mundo de hoje se esforça por ignorar: há sempre uma porta, invisível mas real, separando o mal e Deus.

É grande o bem que faz a leitura desse último livro de João Jacques. Leitura amena mas que faz pensar. Crônicas simples que disfarçam belas páginas de fina literatura.

Pixinguinha Biografado

Conheci, pessoalmente, Edigar de Alencar, cearense radicado no Rio de Janeiro desde 1926, há alguns anos, quando Artur Eduardo Benevides, durante o Reitorado de Martins Filho, realizou esplêndido programa à frente do Departamento de Cultura da Universidade Federal do Ceará, trazendo a Fortaleza figuras de prola da literatura brasileira e cearenses que se impuseram pelo seu valor nos diversos rincões do território nacional.

De há muito, porém, acompanhava eu o sucesso de Edigar de Alencar, principalmente no registro da música popular brasileira. E com que alegria tomei conhecimento de que a canção carnavalesca que primeiro aprendi, nos idos de 1921, era de sua autoria! Fortaleza, então, cantava a marchinha que ainda hoje sei de cor e assim começa:

Maracujá no pé
tem cheiro de alecrim...

Nesse tempo, o rádio e a televisão não haviam descaracterizado ainda as diversas regiões brasileiras, que conservavam uma comovedora fidelidade a suas origens. As músicas da antiga capital federal nos chegavam comedido, por via de partituras musicais e de discos da Casa Edson, aquelas executadas ao piano e estes rodados nas rouquenhãs vitrolas de então. E isto somente a partir da década de 30, tendo como marco inicial o primeiro sucesso de Carmen Miranda, o "Taí". Antes, nossos músicos supriam as necessidades locais, e não havia um deles sequer que não se apresentasse como autor de marchinhas e principalmente de valsas, a mais bela de todas, sem dúvida, dedicada a Maria Nazareth da Silveira, Miss Ceará 1929.

Por isso o "Maracujá no Pé", de Edigar de Alencar, teve grande ressonância no provinciano Ceará da década de 20.

Li, depois, alguns poemas de Edigar de Alencar, insertos em quatro livros de poesia. Não seria esse, entretanto, o gênero em que deixaria ele marca preciosa, pois seu forte mesmo é a pesquisa sobre música popular. Nesse campo o Ceará lhe deve muito com a publicação de *A Modinha Cearense*, pela Imprensa Universitária, em 1967. Outras obras de sua lavra surgiram com a responsabilidade de editoras do sul do país, como *O Carnaval Carioca Através da Música* (Freitas Bastos, Rio, 1965) e *Nosso Senhor do Samba* (Civilização Brasileira, Rio, 1968). Deixo de enfatizar seu trabalho sobre o *Flamengo, Força e Alegria do Povo* (Conquista, Rio, 1970), não só porque foge à temática de sua e minha preferência, como ainda porque, fluminense fanático que sou, não me cabe discutir uma obra que exalta o maior adversário de meu clube...

Agora Edigar de Alencar volta ao campo musical, com a felicidade de sempre, brindando-nos com um volume precioso sob todos os pontos de vista, a começar pelo aspecto gráfico (*O Fabuloso e Harmonioso Pixinguinha*, Editora Catedra, Rio, 1979). Recebi-a com carinhosa dedicatória do autor, mas não é isso o que me move a elogiar a obra, e sim a sua oportunidade, riqueza de detalhes conseqüente de beneditina pesquisa, conceitos bem lançados sobre o ambiente musical do Rio de Janeiro do começo do século até imediatamente antes da era dos barulhentos conjuntos de som.

É livro para se ler gostosamente, desejando-se que não acabe jamais.

Em minhas aulas sobre o Nordeste brasileiro na Universidade Fed. do Ceará, cabe-me apreciar a contribuição do negro na formação da arte regional e nacional. E tenho de ressaltar a colaboração do negro no gênero de nossa música popular. O livro de Edigar de Alencar veio confirmar o que sempre

digo a respeito desse assunto, mostrando que a raça negra não nos fornece apenas assaltantes e marginais de vária espécie, pois é grande a sua parcela de colaboração no terreno da composição musical e no dos intérpretes daqueles artistas natos. Se o índice de analfabetismo é significativo entre os descendentes dos escravos, deve-se isto à sua limitação econômica e nunca à falta de capacidade intelectual para desenvolver-se. A inteligência das músicas e letras dos sambas, elaboradas geralmente por negros e mulatos cariocas, prova exatamente o contrário. E desses, Pixinguinha é astro de primeira grandeza.

Quando, na qualidade de Governador indicado de um Distrito rotário, compareci a uma Assembléia Internacional dessa instituição, nas cercanias de Miami, na Flórida, duas músicas brasileiras tive oportunidade de ouvir nas grandes lojas locais — uma de Roberto Carlos, cantada em espanhol, e “Carinhoso” de Pixinguinha, sem a bela letra que lhe foi adjudicada.

É sobre a vida e a obra desse Pixinguinha internacional que nosso conterrâneo Edigar de Alencar discorre nessa gostosa obra a que me estou referindo e que tenho o prazer de recomendar, especialmente aos amantes de nossas tradições culturais e musicistas em especial.

Ligeiras Palavras ao Elaborador do Segundo Plameg

Dentro de breve tempo terá início o segundo governo Virgílio Távora. E, se da vez primeira em que esteve à frente da administração estadual, cuidou o bem sucedido político cearense da elaboração do seu Plano de Metas Governamentais, não seria concebível que em plena era desenvolvimentista se descursasse de providência assemelhada o futuro Governador. Para tanto, elegeu jovem economista do Banco do Nordeste do Brasil, que se vem constituindo o celeiro a cuja porta não batido os administradores regionais. Conheço, razoavelmente, o técnico escolhido, por ter sido aluno meu na Faculdade de Ciências Econômicas, da qual é hoje professor em virtude de sua competência.

Sinto-me, assim, encorajado a fazer sugestões a quem tem sobre os ombros a difícil tarefa de tracejar o destino de